

# BREVES CONSIDERAÇÕES EM TÔRNO DE ALGUNS NÓVOS GONYLÉPTIDAS DO BRASIL

S. DE TOLEDO PIZA JR.  
Escola Superior de Agricultura  
"Luiz de Queiroz" da  
Universidade de S. Paulo

Em um trabalho recente (PIZA, 1940) descrevi sete novos gêneros de Gonyléptidas do Brasil, três dos quais, em virtude da grande afinidade para com gêneros conhecidos, merecem algumas considerações. Aliás, essas considerações deveriam fazer parte daquele trabalho e chegaram a ser por mim redigidas. Inútil porém seria procurar justificar a perda das notas bem como das mensurações de algumas das espécies descritas que constavam de páginas adicionais por mim deixadas no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, quando de lá saí em Abril de 1938.

São os seguintes os gêneros em questão:

*Goyazia* PIZA. (Fig. 1) — Ao examinar o exemplar que me serviu para a descrição de *Goyazia* pareceu-me que seria justo considerar o espinho bífido do cômodo ocular como uma estrutura *suis generis*, tão distinta de dois espinhos independentes quanto de um espinho simples. Porque do contrário, se considerarmos um espinho bífido como sendo o resultado da fusão incompleta de dois espinhos distintos, porque não considerar também um espinho simples e mediano como o produto

da fusão completa daqueles dois espinhos? A seguir êsse raciocínio teríamos que considerar *Eusarcus* PERTY e *Metagraphinotus* M.-L. como sendo sinônimos e a êles juntar *Goyazia*. Quero porém crer que *Goyazia* seja um bom gênero para o qual deve passar *Eusarcus bifidus* RWER., (Fig. 2) devendo a diagnose de *Eusarcus* permanecer tal como se encontra em ROEWER (1923) e não como foi modificada por MELLO-LEITÃO (1932) para receber *E. bifidus*.

*Melloleitaniella* PIZA. (Fig. 3) — Quanto a *Melloleitaniella*, julguei que o momento era chegado de se crear um gênero que devêsse conter as espécies de *Gonyleptes* KIRBY providas de um par de tubérculos na III área do escudo dorsal. Permaneceriam no gênero *Gonyleptes* apenas as espécies providas naquela área de um par de processos cônicos (Kg-H-Paar, segundo ROEWER) ou de espinhos ou de apófises mais altas (segundo MELLO-LEITÃO). Isso me pareceu aconselhável por serem os tubérculos, tais como se encontram na III área de *Melloleitaniella granulata* PIZA, bem como de *Gonyleptes pectinatus* C. L. KOCH, *G. guttatus* RWER., *G. pectinipes* RWER., *G. paucigranulatus* M.-L., *G. lacrimosus* M.-L., *G. binini* (GILTAY) (Fig. 4), *G. atrus* M.-L. e outros, uma estrutura que de modo nenhum se pode confundir com os dois espinhos de *Gonyleptes longicornis* M.-L. (Fig. 5) ou *G. cancellatus* RWER. (Fig. 6). Aliás, ROEWER retirou do gênero *Gonyleptooides* RWER., com um par de espinhos na III área, (Fig. 7), a espécie *G. moreirae* M.-L. (MELLO-LEITÃO, 1922) pela simples razão de apresentar naquela área dois tubérculos em lugar dos dois espinhos, com ela fazendo o gênero *Moreiranula*, (Fig. 8), (ROEWER, 1930). A dar a essas duas estruturas o mesmo valor genérico, não subsistiria mais razão alguma para considerar *Neogonyleptes* RWER. e *Neogonyleptooides* RWER. como gêneros distintos. Seríamos igualmente levados a reunir *Paraeusarcus* M.-L. a *Eusarcus* PERTY, pois o primeiro se distingue do segundo por apresentar dois tubérculos no cômodo ocular, quando o último apresenta aí dois espinhos. Aliás, inúmeros outros gêneros se encontram nas mesmas condições.

O que me parece essencial na caracterização dos Opiliões

é distinguir tubérculos arredondados ou elípticos, de ampla superfície, de todo e qualquer processo pontudo. Êstes últimos vão, numa graduação, dêse pequenos cônes até elevados espinhos, ao passo que os primeiros, mesmo variando em elevação, devem sempre conservar a sua superfície arredondada.

Na sistemática dos Opiliões, como aliás de qualquer outro grupo, quasi tudo repousa em convenções. A descrição de nòvos gêneros e espécies baseadas no exame de um único exemplar ora de um ora de outro sexo, o que é muito frequente, faz com que se atribua muitas vezes valor distintivo a caracteres que se fôssem examinados numa grande série talvez perdessem por completo qualquer significação. Vejamos, por exemplo, o que se passa de ordinário com os Phásmidas. *Acanthoderus 20-spinosus* (Redt) e *Acanthoderus 24-spinosus* (Redt.) se distinguem por apresentar o primeiro três pares de espinhos no mesonoto e dois pares no metanoto e segmento mediano e o segundo quatro pares no mesonoto e três no metanoto e segmento mediano. (BRUNNER et REDTENBACHER, 1908). Estudando os Phásmidas do Museu Paulista (PIZA, 1936) tive a oportunidade de examinar um exemplar muito afim de *A. 20-spinosus*, dêle divergindo pelo número de espinhos. Ora, como o número de espinhos tem sido tomado em consideração na separação das espécies, não tive senão fazer do meu exemplar a espécie *Acanthoderus Fischeri*. Parece-me entretanto evidente, que se qualquer das três espécies fôsse estudada com abundância de material, elas acabariam se fundindo numa só.

Conforme procurei salientar numa outra ocasião (PIZA, 1936a), não há propriamente nos seres vivos caracteres de gênero ou caracteres de espécie. Nada num caráter denota o seu valor em relação aos grupos considerados pela sistemática. O que decide da significação do atributo levado em conta na classificação dos animais, é simplesmente o critério individual dos especialistas. Porisso, subdividir um gênero em dois ou mais ou reunir vários gêneros em um só, é uma mera questão de pontos de vista. Entretanto, embora se tratem de convenções, os autores devem ser coerentes com o ponto de vista adotado, aplicando sempre na avaliação dos caracteres os mesmos pêsos e medidas já adotados e procurando dar ás diversas par-

ticularidades do organismo a mesma importância anteriormente atribuída em casos idênticos. Assim, pois, se os gêneros *Neogolyleptes* (Fig. 9) e *Neogonyleptoïdes* (Fig. 10) se distinguem por ter o primeiro dois tubérculos na III área e o segundo dois espinhos, porque abrir mão dêsse caráter diferencial e deixar dentro do mesmo gênero (*Gonyleptes*) espécies providas nessa área de dois altos e pontudos espinhos ou processos cônicos mais ou menos elevados, ao lado de outras aí providas de dois amplos tubérculos de superfície perfeitamente polida! Porque dois pêsos e duas medidas dentro da mesma sub-família? É verdade que o exame de material mais abundante pode fazer mudar a opinião do especialista relativamente ao valor dos caracteres diagnósticos. Mas se o estudo das espécies de um determinado gênero leva-o á conclusão de que dois tubérculos significam para o gênero tanto quanto dois espinhos ou um espinho bífido o mesmo que dois espinhos distintos, é de tôda a conveniência, a bem da uniformização do critério, que a conclusão se generalize, estendendo-se a tôda a sub-família. Resta, porém, saber, o que seria mais conveniente ou mais simples:— adotar o novo ponto de vista e refundir completamente a sistemática de tôda uma Ordem, ou continuar com o ponto de vista antigo e nêsse caso desmembrar uns poucos gêneros em que inadvertidamente se foram colocando espécies que se distinguem por caracteres considerados de valor genérico em grupos bastante afins. Quer-me parecer que a segunda alternativa é a que mais convém. Considerar tubérculos e espinhos como caracteres de valor sistemático diferente não exige outra constatação além da constância com que cada atributo se repete em um mesmo sexo dentro das espécies de que se conhece bom número de exemplares. Considerá-los, porém, como caracteres equivalentes implica numa constatação que ainda não foi feita, qual seja a da ocorrência indiferentemente dos dois caracteres nos indivíduos do mesmo sexo e de uma mesma espécie. Além do mais, se passarmos a considerar na sistemática dos Opiliões tubérculos valendo o mesmo que espinhos ou dois espinhos distintos como um espinho bífido, não mais nos restarão motivos para tomar a posição relativa dessas estruturas sôbre as diversas áreas do escudo ou os tergitos li-

vres como sendo de valor genérico. Não haveria mais razão para considerarmos como gêneros distintos dois agrupamentos afins que apenas divergissem por apresentar um dêles dois tubérculos numa área e dois espinhos em outra, ao passo que no outro essas mesmas estruturas se encontram em situação inversa. Entretanto, isso se impõe na sistemática dos Opiliões.

Obedecendo-se às normas estabelecidas pelos estudantes da Ordem torna-se evidente que não se poderia incluir no mesmo gênero dois indivíduos munidos das mesmas armas, uma vez que estas se apresentassem em áreas diferentes, por mais semelhantes que se mostrassem relativamente aos demais caracteres. A meu ver, a posição dos ornamentos (tubérculos, espinhos) pode e deve ser considerada como um "caráter de gênero", a menos que se viesse a descobrir que dentro de uma mesma espécie e num mesmo sexo aquelas estruturas ora se mostrassem numa ora noutra área do escudo. Revelando-se assim variável, o caráter evidentemente não mais deveria ser utilizado na separação dos gêneros. Aliás, que uma particularidade estrutural bem definida pode passar de um segmento do corpo, para outro, foi recentemente constatado com respeito ao umbigo dorsal do *Tityus bahiensis* (Scorpiones). Trata-se de uma pequena cicatriz circular que assinala o ponto de penetração do cordão que liga a vesícula nutridora ao tubo digestivo do embrião. (PIZA), 1939). Essa cicatriz, que se encontra sobre o IV tergito mesossomático dos recém-nascidos e só desaparece com a primeira muda, serve como um bom caráter para a distinção das formas jovens de *Tityus bahiensis* e *T. serrulatus*, pois que neste último o umbigo se encontra sobre o III tergito. (PIZA, 1939a). O exame de abundante material de *T. bahiensis* veio mostrar que essa cicatriz em alguns casos pode passar do IV para o III tergito (PIZA, 1940a). Se por ventura se baseasse a distinção genérica dos Escorpiões em caracteres como êsse, a variação assinalada viria tirar-lhe tôda a importância. Mas, enquanto não se constatar o mesmo relativamente aos tubérculos e espinhos dos Opiliões, a localização dêsses processos pode servir para a separação dos gêneros.

*Anisoleptes* PIZA. (Figs. 11 e 12) — Êste gênero aproxi-

ma-se de *Metagonyleptoides* M.-L. A literatura sôbre *Metagonyleptoides*, porém, não permitiu formar sôbre êle uma opinião muito segura em virtude de algumas contradições assinaladas. Assim é que a sua descrição não concorda em pontos que reputo essenciais, com a descrição da espécie-tipo: *Metagonyleptoides anomalus* M.-L. Na diagnose original dá MELLO-LEITÃO (1923) as áreas I e II do escudo dorsal como inermes, o que pouco depois confirma na chave que organizou para os Laniatores sulamericanos (1926). Entretanto, a espécie-tipo, segundo a descrição original (1923), não apresenta as duas áreas do escudo inermes e sim armadas de dois pequenos tubérculos mamilares. ROEWER (1930), descrevendo a espécie, refere-se ao tipo de MELLO-LEITÃO (só fêmeas) e a mais dois exemplares, igualmente fêmeas, um da coleção Simon, do Museu de Paris e outro existente na sua própria coleção. Conforme com a descrição de ROEWER e com a figura (segundo Mello-Leitão) que acompanha, (Fig. 14), a espécie é de fato desprovida de tubérculos nas duas primeiras áreas do escudo. No entanto, mais tarde, MELLO-LEITÃO (1932), num trabalho monográfico sôbre os Opiliões do Brasil, apresenta novamente a espécie como sendo provida, nas áreas I e II, de dois pequenos tubérculos hemisféricos medianos, muito bem assinalados na figura 206 daquele trabalho. (Fig. 13). Daí quero concluir, que MELLO-LEITÃO, deixando de mencionar os tubérculos das áreas I e II do material que lhe serviu para a diagnose de *Metagonyleptoides*, criou um gênero que não correspondia exatamente aos caracteres do tipo e que porisso não deveria prevalecer. Mas, ao que parece, as duas fêmeas mencionadas por ROEWER, sendo realmente desprovidas de tubérculos nas duas primeiras áreas do escudo dorsal, vieram assegurar a validade do gênero. Considerando, pois, o gênero *Metagonyleptoides* como bem representado pelos dois exemplares referidos por ROEWER, o material de MELLO-LEITÃO fica aí deslocado, devendo, na minha opinião, passar para um gênero novo muito próximo de *Moreira* RWER. Entretanto, mesmo que prevaleçam razões para conservar o presente *statu quo* do gênero *Metagonyleptoides*, quer-me parecer que os exemplares de MELLO-LEITÃO e de ROEWER pertencem a espécies

distintas. Os primeiros, além dos dois tubérculos das áreas I e II do escudo apresentam, a avaliar pela fig. 206 de MELLO-LEITÃO, uma forte apófise nos trocânteres do IV par de patas, que não deveria ter escapado a ROEWER caso existisse também nos exemplares que referiu.

*Anisoleptes* PIZA, com as duas áreas anteriores do escudo inermes, aproxima-se de *Metagonyleptoides* sensu Roeweri, do qual se distingue por apresentar a área III também inermes, ou seja, provida de dois grânulos semelhantes aos que se encontram alinhados nas outras áreas e que se destacam unicamente pela posição simétrica que guardam entre si. *Metagonyleptoides* exhibe nessa área um par de tubérculos altos ou de espinhos (MELLO-LEITÃO). *Opisthophlites* SOER., que possui igualmente o escudo inermes e granuloso separa-se facilmente de *Anisoleptes* pela fórmula tarsal e pela armadura do cômodo ocular.

A fêmea de *Anisoleptes*, com um processo cônico ora nos três tergitos livres, ora somente no II e no III, tanto se aproxima porisso de *Metagonyleptoides* como de *Moreira*, (Fig. 15), diferindo dêste último pelas áreas do escudo dorsal e pela forma do processo do I tergito. O macho, com o I tergito livre desarmado e os dois outros (II e III) providos de um tubérculo mediano baixo e arredondado, afasta-se de *Metagonyleptoides* e aproxima-se de *Gonyleptellus* RWER. (Fig. 16), do qual diverge enormemente pelas áreas do escudo.

Daí a necessidade da criação do gênero *Anisoleptes*, mormente por haver *Metagonyleptoides* sido descrito com base só em fêmeas.

#### S U M M A R Y

Considerations about the following new genera of Harvest-spiders (Opiliones) are made:

*Goyazia* Piza. — Assuming that the forked spine of the ocular tubercle is a structure so different from a single tapering spine as from two distinct ones, a new genus was created to which *Eusarcus bifidus* Rwer. must be transferred.

*Melloleitaniella* Piza. — Considering that several good genera are distinguished only by the presence of two tubercles or two spines on a determined area of the dorsal scute, this genus was created for receiving all species of *Gonyleptes* Kirby with two rounded or elliptical low tubercles in area III.

*Anisoleptes* Piza. — Differs from *Metagonyleptooides* M.-L. by having all the areas of the dorsal scute without tubercles. The female, showing a conical process sometimes on the three free tergites sometimes on the II and III only, approaches therefore *Metagonyleptooides* as well as *Moreira* Rwer. diverging from the latter by the areas of the dorsal scute and by the shape of the process of the I tergite. The male, with the I free tergite unarmed and the two others (II and III) provided with a median low and rounded tubercle, goes away from *Metagonyleptooides* and approaches *Gonyleptellus* Rwer. whose scute areas do not permit any mistake.

#### L I T E R A T U R A C I T A D A

BRUNNER ET REDTENBACHER, 1908 — Die Insektenfamilie der Phasmiden, Leipzig.

MELLO-LEITÃO, C., 1922 — Some new brazilian Gonyleptidae, An. Mag. Nat. Hist. Ser. 9, Vol. XI, pag. 329-349.

MELLO-LEITÃO, C. 1923 — Opiliones Laniatores do Brasil, Arch. Mus. Nac. Rio de Jan., Vol. XXIV, pag. 107-197.

MELLO-LEITÃO C., 1932 — Opiliões do Brasil, Rev. Mus. Paul., T. XVII, 2.a Par., pag. 1-505.

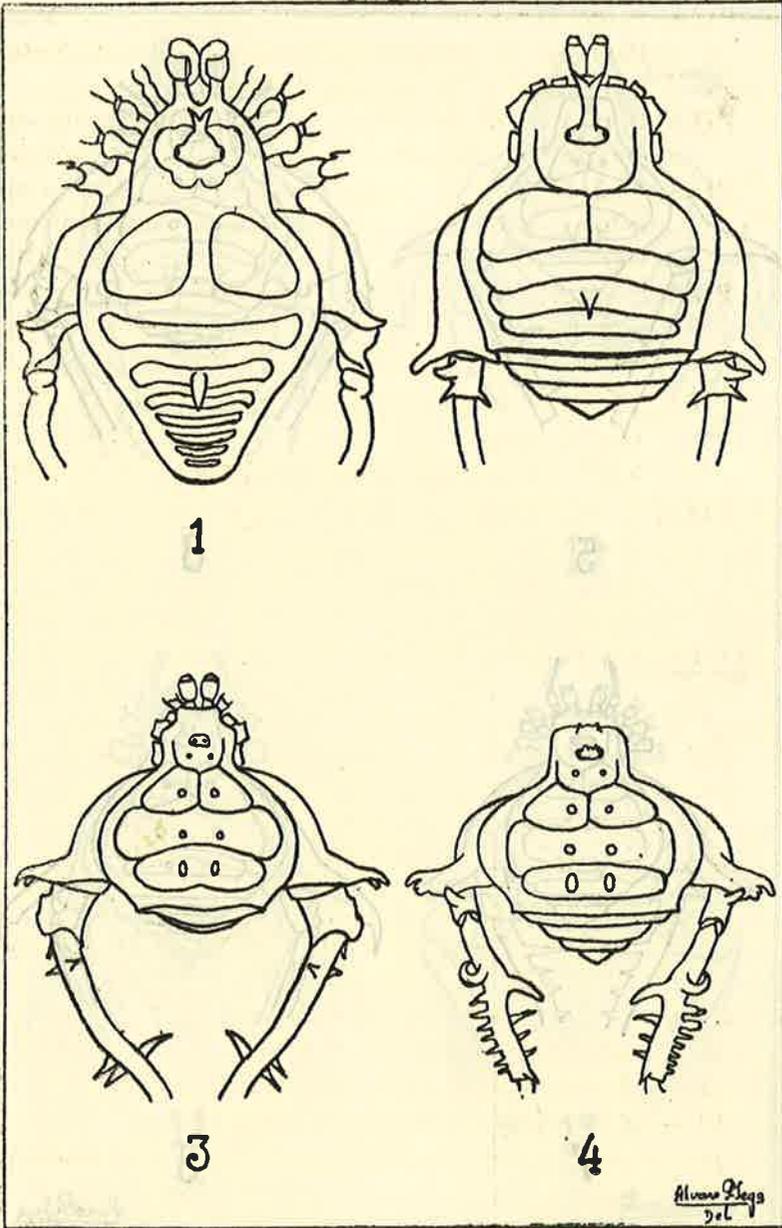
ROEWER, C. F., 1923 — Die Weberknechte der Erde, Jena.

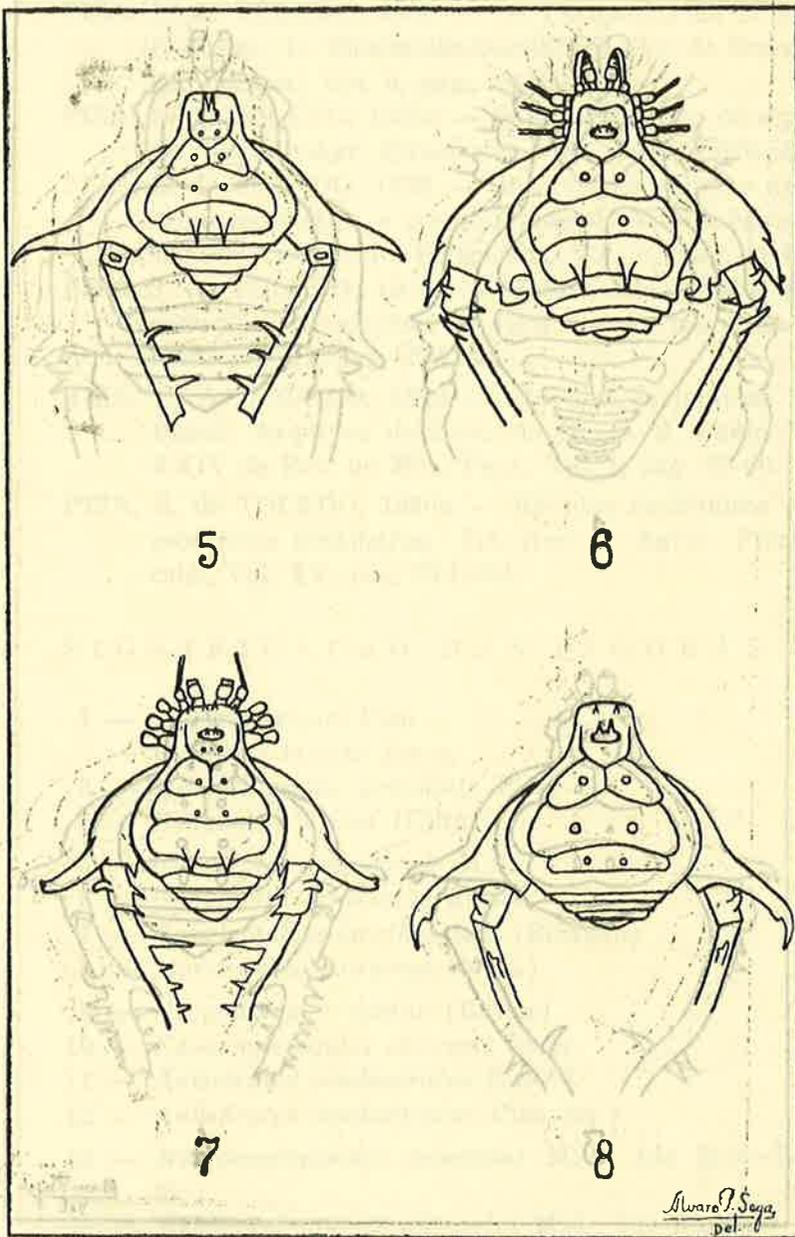
ROEWER, C. F., 1930 — Weitere Weberknechte IV, Abh. Nat. Ver. Bremen, Bb. XXVII, H. 3., pag. 341-452.

- PIZA, S. de TOLEDO, 1936 — Os Phasmidas do Museu Paulista. I. Phasmidae-Bacillinae, Rev. de Entom. Rio de Jan., Vol. 6, pag. 280-292.
- PIZA, S. de TOLEDO, 1936a — Sôbre o conceito de espécie, Rev. de Agr. Piracicaba, Vol. XI, pag. 570-580.
- PIZA, S. de TOLEDO, 1939 — Observações sôbre o aparelho reprodutor e a reprodução do *Tityus bahiensis*, Jor. de Agron., Piracicaba, Vol. II, pag. 49-55.
- PIZA S. de TOLEDO, 1939a — Estudos anatômicos em escorpiões brasileiros. I, Journ. de Agron., Piracicaba, Vol. II, pag. 273-276.
- PIZA, S. de TOLEDO, 1940 — Novos Gonyleptidae do Brasil, Arquivos de Zool. do E. de S. Paulo, T. XXIV da Rev. do Mus. Paul., Vol. I, pag. 53-66.
- PIZA, S. de TOLEDO, 1940a — Estudos anatômicos em escorpiões brasileiros. III, Rev. de Agric., Piracicaba, Vol. XV, pag. 214-228.

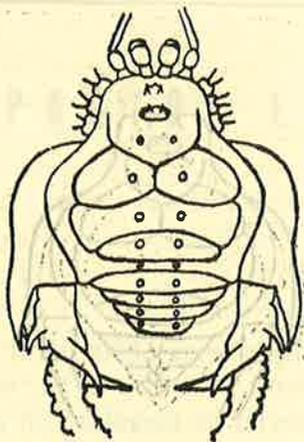
## SIGNIFICAÇÃO DAS FIGURAS

- 1 — *Goyazia sulcata* Piza
- 2 — *Eusarcus bifidus* Rwer.
- 3 — *Melloleitaniella granulata* Piza
- 4 — *Gonyleptes brieni* (Giltay)
- 5 — *Gonyleptes longicornis* M.-L.
- 6 — *Gonyleptes cancelatus* Rwer.
- 7 — *Gonyleptoides acathoscelis* (Bertkau)
- 8 — *Moreiranula moreirae* (M.-L.)
- 9 — *Neogonyleptes docilis* (Butler)
- 10 — *Neogonyleptoides chilensis* Rwer.
- 11 — *Anisoleptes condecoratus* Piza, f.
- 12 — *Anisoleptes condecoratus* Piza, m.
- 13 — *Metagonyleptoides anomalus* M.-L. (de Mello-Leitão)
- 14 — *Metagonyleptoides anomalus* M.-L. (de Roewer)
- 15 — *Moreira asperula* Rwer.
- 16 — *Gonyleptellus multimaculatus* Rwer.

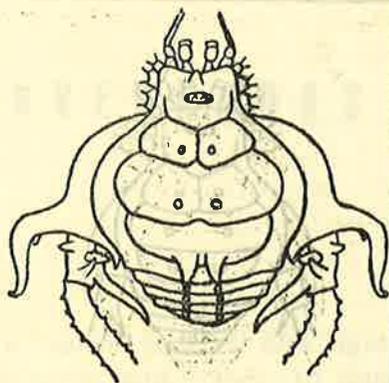




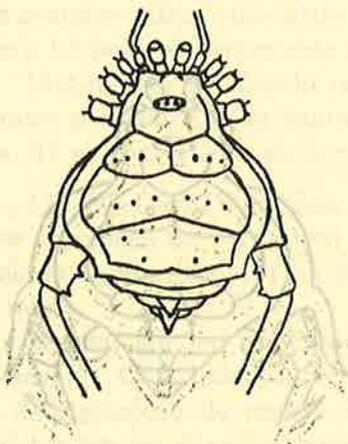
Alvaro P. Sosa  
del.



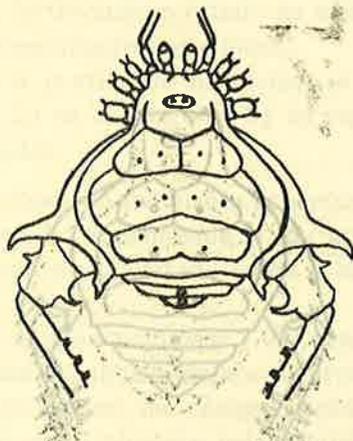
9



10

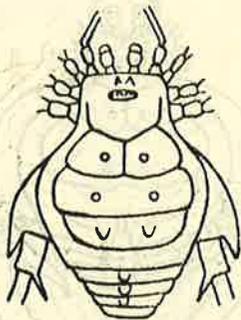


11

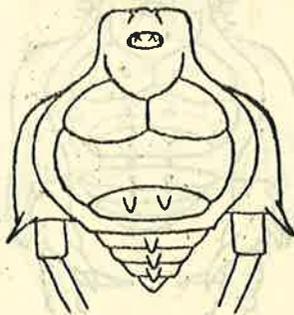


12

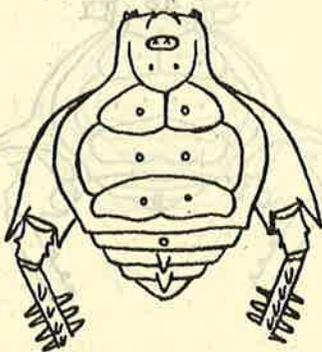
Alvaro P. Siqueira  
Del.



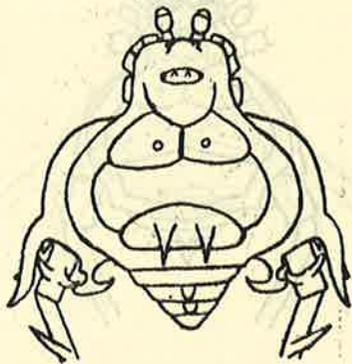
13



14



15



16

Alvaro P. Segura